

CASO HANS: um marco na psicanálise com crianças

Jônata Alves da Silva

Bacharel em Biomedicina pelo Centro Universitário Lusiada – UNILUS, em 2008, e Acadêmico de Psicologia na Faculdade Sete de Setembro - FASETE
E-mail: jhow_alves87@yahoo.com

Gleci Mar Machado de lima

Professora da Faculdade Sete de Setembro – FASETE.
Psicanalista do Centro de Estudos Freudianos do Recife–CEF. Especialista em Psicomotricidade.
Mestre em Psicomotricidade pela Universidade de Évora Portugal.
E-mail: glecimachado@yahoo.com.br

RESUMO

Essa produção foi uma ideia surgida no intitulado Grupo de Estudo em Psicanálise do Curso de Psicologia da FASETE – Faculdade Sete de Setembro -, origina-se dos estudos realizados ao longo do semestre, sob a coordenação da professora MSc. Gleci Mar Machado de Lima. Tem como objeto de estudo o Caso Hans, um marco na psicanálise com crianças. Trata-se de uma análise textual da obra *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, de Sigmund Freud. Seu objetivo consiste em investigar os pressupostos psicanalíticos que concernem à fobia da criança, por meio dos relatos de Freud. Para esse fim, visamos apontar a concepção psicanalítica freudiana da prática analítica com crianças.

Palavras-chave: Complexo de Édipo, Castração, Fobia, Recalcado.

ABSTRACT

This work was developed from an idea that emerged in the Psychoanalysis study group of the Psychology Course of FASETE – Faculdade Sete de Setembro – and is originated from the researches conducted throughout the semester, under the supervision of the teacher Gleici Mar Machado de Lima. It studies the Case Hans, a milestone in psychoanalysis with children, conducting a textual analysis of the work “Analysis of a phobia in a five-year-old boy”, by Sigmund Freud. Its objective is to investigate the psychoanalyst assumptions that concerns children’s phobias through Freud’s theories. To achieve this, we aim to point the Freudian psychoanalytic conception about the analytical practice with children.

Key words: Oedipus complex, castration, phobia, repressed.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu após a leitura do caso do Pequeno Hans. Começamos, então, por situar nosso desejo frente à nossa experiência acadêmica na área da psicologia, que nos convoca a falar da clínica com a criança, na qual o Caso Hans oferece singular importância. No histórico do Pequeno Hans, Freud nos relata um caso de fobia, com riqueza de detalhes referentes à teoria da sexualidade infantil, deixando claro o conceito de narcisismo primário e como ocorre sua evolução para a relação de objeto. Freud, em 1909, escreve *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, abordando o Complexo de Édipo. Tal análise contou com a mediação do pai do pequeno Hans, revelando a Freud o resultado das conversas que havia entre ele e o filho. As primeiras descrições de Hans indicam que ele tinha cerca de três anos e meio quando se iniciou essa análise, intermediada pelo pai. Cumpre ressaltar que ele trazia questionamentos sobre os órgãos sexuais, as diferenças anatômicas entre o homem e a mulher e, segundo Freud, sobre o nascimento de bebês e estava envolvido por uma série de fantasias ligadas à masturbação, ao Édipo e ao sentimento de castração. O pequeno Hans tinha fobia a cavalo, medo de ser mordido por um, de que caíssem dos carros conduzidos por ele. Vale salientar que a fobia de Hans surgiu por ocasião do nascimento da irmã Hanna, provocando nele desejo de posse pela mãe e ódio ao pai. Para esse estudo, o texto fundamental é o artigo de Freud, intitulado *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, que consta do volume X, de suas *Obras Completas*, cujo título é *Duas histórias clínicas: O pequeno Hans e O homem dos ratos*, de 1909. Vale observar, ainda, que esse estudo confere-nos o aprendizado na clínica com criança. O plano de trabalho está vinculado a uma pesquisa, de natureza metodológica e bibliográfica. Essa pesquisa pauta-se, primordialmente, na leitura, interpretação e problematização, por meio da qual Freud dirige seu olhar psicanalítico para a psicanálise com crianças, em *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo em vista o caráter inicial do estudo, pretendemos elencar apenas resultados parciais; contudo, tais resultados mostram-se significativos por apontarem as potencialidades do objeto abordado. Das obras do Freud, o caso Hans é o único sobre a clínica infantil; entretanto, vale ressaltar que ele nunca atendeu Hans, diretamente. Toda a análise foi baseada nas explicações de Max Graf, o pai da criança, a Freud, que intervinha por meio do genitor.

Hans é um menino de cinco anos, que, de acordo com os relatos de Freud e do próprio pai, é dotado de grande astúcia, comunica-se bem e é bastante afetivo, o que desperta certa perplexidade. O Pai do Hans comunicava-se com Freud, frequentemente, por meio de cartas, relatando o que acontecia na rotina deles e como o pequeno Hans se comportava em alguns momentos. Essa correspondência relata que o pai levava Hans para conhecer Freud, que, então, teve a oportunidade de conversar, por essa única vez, com a criança. Como bem destaca Ivan Corrêa, Freud contou-lhe uma história sem pé nem cabeça, observando que foi isso que fez Hans curar-se da fobia; então Corrêa pergunta: E qual foi a história que Freud contou? Freud, simplesmente, relembrou o mito de Édipo, e disse ao pequeno Hans, de maneira ardilosa: Antes que tu nasceste, eu já sabia, e disse para o teu pai que quando tu nasceste ias ter uma grande raiva dele, um grande ódio dele, e um grande amor por tua mãe. Antes que tu nasceste eu já sabia.

O Pequeno Hans desenvolve, a seguir, uma fobia em relação a cavalos; numa época em que todo transporte urbano era feito por carruagens, em meados do século XX. Para Hans, significava um transtorno enorme, uma vez que estava tendo dificuldade para sair de casa. Hans estava na fase que Freud denomina de Complexo de Édipo, período em que ele passa a ter um interesse muito grande pelos órgãos genitais, de sua irmã recém-nascida, de seus pais e o seu próprio. Essa descoberta é natural na criança, nessa idade, quando, com curiosidade, revela intenso desejo pela mãe e, simultaneamente, um conflito diante da presença do pai. Ele compreende que não pode tomar a mãe como objeto de desejo porque a mãe pertence ao pai. Deseja então eliminá-lo, para poder ter a mãe como seu objeto, livre de sua interferência, mas possui também, sentimentos de admiração pela figura paterna, desenvolvendo assim um sentimento de ambivalência em relação ao pai. Ama o pai, mas nutre sentimentos hostis contra a figura paterna, que passa a ser empecilho na relação entre ele e a mãe. Freud usa a expressão Complexo de Édipo (Freud propôs pela primeira vez o conceito de complexo de Édipo em seu livro de 1899 *A Interpretação dos Sonhos*, embora ele não tenha formalmente começado a usar o termo até o ano de 1910), embora seja um tema presente em praticamente todos os escritos de Freud, este nunca dedicou ao Édipo uma exposição sistemática. De qualquer forma, a associação entre o saber psicanalítico e a história de Édipo é antiga e pode ser remontada particularmente ao dia 15 de outubro de 1897. Nesta data, Freud envia uma carta destinada ao amigo Wilhelm Fliess em que aquele, em meio à sua auto-análise irá remeter-se, a descoberta da trama familiar, para explicar a enigmática teorização sobre o Édipo e será a partir do Édipo que o sujeito estrutura e organiza o psíquico, sobretudo em torno da diferença sexual. Virada teórica rumo à preponderância mais tarde conferida ao complexo de Édipo, se daria tanto pela descoberta da sexualidade infantil

quanto do papel da fantasia e dos desejos no terreno clínico da psicopatologia, estabelece, a partir do seu próprio exemplo, a validade universal da lenda grega como uma importante chave para a compreensão das vicissitudes do psiquismo humano:

Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância (...) Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de Oedipus Rex (...) a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da platéia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalamento que separa seu estado infantil do seu estado atual. (Freud, 1897/1996, p. 316)

O termo, Complexo de Édipo é utilizado para configurar essa fase em que a criança deseja a mãe para si, como objeto de desejo e, ao mesmo tempo, tem o pai como figura de castração. Hans se espelha no pai, por representar, para ele, um Ego ideal, pois possui o que ele deseja, que é a mãe. Segundo Freud, Hans quer ser o pai, o que gera o conflito, e deseja matá-lo. Hans entende que existe uma relação entre seus pais. Esse conflito desencadeia o medo de cavalos.

Ao se deparar com o órgão genital do cavalo, bem maior que o dele, o menino pressupõe que todos os adultos têm genitais semelhantes aos do cavalo, mas, ao deparar-se com a nudez de sua irmã e de sua mãe nua, Hans ainda não sabia que nem todo adulto tem um pênis, que apenas os homens o têm e que as mulheres não o possuem. A criança compara o pai ao cavalo e associa essa cena ao desejo que possui pela mãe. O cavalo simboliza o medo que tem do pai.

Freud, em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), observa que nessa fobia há três aspectos característicos: o pai é o limite do desejo e, nesse sentido, a criança tem desprezo pela figura paterna; o próprio Hans, segundo o relato do pai, em determinado momento, diz que iria substituí-lo e que desejava ser o pai na relação com a mãe, gerando o desprezo. Ao mesmo tempo, há um sentimento de admiração por ele, por ser o possuidor do objeto de desejo, ocasionando a ambivalência, e aqui temos o segundo aspecto dessa relação de objeto. O terceiro aspecto, que refere o Complexo de Édipo é a questão do caminho para o objeto de desejo; se o outro tem esse objeto, há aí certa cumplicidade, entendendo que a criança pode utilizar o companheirismo para atingir seu objeto de desejo. O próprio Hans relata ao pai um sonho em que ambos estão fugindo de um policial e há um determinado momento em que ambos se deparam com um pasto com ovelhas; Hans então deseja entrar aí porque havia uma cerca com uma corda, apenas, fechando-a, mas seu pai fala, nesse sonho, que esta entrada lhes é interdita porque se trata

de uma propriedade privada e que, se entrassem, talvez os dois fossem repreendidos por um policial (In *A Interpretação dos Sonhos*, publicado em 1899 com a data 1900) Por meio desse sonho, Hans entende que a fala do pai aí representa uma censura ao seu desejo pela mãe.

Hans é repreendido pelos pais quando expressa seu desejo pela curiosidade sexual. Hans deseja ver a mãe nua, sendo muitas vezes repreendido por isso, mas seu pai também faz isso, portanto, Hans questiona por que razão ao pai isso não é algo errado. Ele sabe que ele deseja algo que é errado para ele, mas que ele, o pai, também deseja fazê-lo; nesse caso, há certa cumplicidade e seu pai talvez possa ajudá-lo a conseguir o que ele deseja. São três sentimentos intensamente conflituosos: o desprezo, de um lado; a admiração, de outro; e, ao mesmo tempo, a cumplicidade presente. Hans entende que, desejando o mesmo objeto do pai, este se torna um adversário, há, portanto, admiração e temor. Melman (2004), comenta que Hans vai ver sua mãe e diz-lhe que está doente porque teve ereção, ou seja, ele toma a ereção por uma doença, e vai pedir à mãe que cuide dele, que cure essa doença. O que isso quer dizer, para Melman? Que existem várias maneiras de impedir a ereção, uma das maneiras é castrar o gozo. Se ele possui o desejo de eliminar o pai, por desejar o mesmo objeto de amor, é cabível a Hans supor que o pai deseje, igualmente, eliminá-lo e, nesse momento, temos aí a questão do temor à castração.

Max Graf conversa com Freud a respeito de um incidente, que Hans caiu do cavalo. Freud e ele juntos levantam uma hipótese: o cavalo caído leva-o a imaginar a possibilidade de o cavalo ter morrido. Segundo Freud, existe a possibilidade de que Hans, ao ver o cavalo cair, tenha desejado, inconscientemente, que seu próprio pai caísse e morresse, pois, sendo eliminado, ele teria a mãe. Porém, de alguma forma, esse desejo, afinal, fora recalçado. Hans vivenciou um período de sensações sexuais, sentido fortes emoções com amigas imaginárias, época que transcorreu ainda mais o aumento da sua fobia. Além da fobia e da angústia, durante a noite surgia o medo de ser mordido pelo cavalo, símbolo da função de castração, delimitador de seu objeto de desejo à mãe.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso pequeno Hans, analisado e debatido em grupo, possibilitou uma valiosa aprendizagem concernente aos conceitos psicanalíticos da teoria freudiana, em torno da concepção da castração, do Complexo de Édipo, na clínica da criança.

Com base nesses processos conseguimos ainda esquadrihar a questão do sintoma e sua formação tomando como ponto de partida as bases psicanalíticas. Enquanto que na psiquiatria temos um discurso biológico e científico, na psicanálise o discurso passa a ser linguístico. Os Sintomas na psiquiatria se agrupam em síndromes, na psicanálise como define Freud (1926) é a formação de compromisso entre as representações recalçadas (afastadas da consciência) do desejo inconsciente e as exigências defensivas.

Para Freud, um sintoma é essencialmente uma satisfação substitutiva de um desejo não realizado, um substituto de algo recalçado, uma satisfação que volta a consciência de forma deformada e irreconhecível.

Através da escuta analítica, Freud foi capaz de demonstrar que o sintoma tem um sentido, um sentido desconhecido para o sujeito, inconsciente, uma satisfação reconhecida pelo sujeito como um sofrimento. O sintoma é um lugar paradoxal onde o sujeito tem sua satisfação e ao mesmo tempo seu sofrimento.

O sintoma no discurso médico de nada tem de poético, não quer dizer nada para além dele mesmo, o discurso linguístico psicanalítico nos mostra que o sintoma se forma através de dois mecanismos, a saber, o mecanismo de condensação (metáfora) e o de deslocamento (metonímia). Através destes mecanismos o desejo do sujeito se camufla provocando um engodo na consciência podendo ser parcialmente satisfeito.

Em sua segunda tópica Freud mostra que o Ego (porção organizada do id) demonstra sua força pelo ato de recalçamento e ao mesmo tempo sua franqueza, pois como consequência a esse processo surge o sintoma onde a libido insatisfeita encontra uma satisfação substituta. Para Freud (1926) “O processo mental que se transformou em um sintoma devido ao recalçamento mantém agora sua existência forma da organização do Ego e independentemente dele”. Devido à necessidade de síntese e unificação o Ego incorpora o sintoma em sua organização tirando proveito dele e tendo como resulta o que chamamos de ganho secundário. Freud (1926) afirma que, “esta recuperação vem em ajuda do ego no seu esforço para incorporar o sintoma, e aumenta a fixação deste último”, garantindo sua persistência.

A pesquisa de Freud afirma que os sintomas tem um sentido capaz de serem decifrados como as demais formações do inconsciente, Lacan (1953) em seu texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” aborda a questão a partir da linguística estrutural e define o sintoma como “o significante de um significado recalçado da consciência do sujeito”, e afirma que “O

sintoma se resolve por inteiro numa análise languageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada”.

Diferente da terapia medicamentosa que busca a remissão dos sintomas, o processo de análise, opera sobre o inconsciente dando prevalência ao sintoma, escutando o sintoma, buscando decifrá-lo.

É através da associação livre, nas entrelinhas que se situa a verdade do inconsciente. A fala, ao ser libertada “fala plena” (Lacan, 1953), verdadeira deixa escapar, para além do vazio de seu dizer, o apelo do sujeito à verdade, que já está inscrita em alguma parte no inconsciente.

Através da psicanálise, o sintoma revela não a verdade da doença, mas a verdade do sujeito do inconsciente, uma vez que busca apreender no sintoma o desejo inconsciente indestrutível.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, I. **Da Tropologia à Topologia Escrituras Lacanianas**. Edição CEF Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

FREUD, S. **Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre a Sexualidade e outros Trabalhos** (1901-1905). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Imago Editora, Rio de Janeiro. 1996. Vol.VII. p. 119-126.

_____. **Dois Histórias Clínicas O “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”** (1909). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Imago Editora, Rio de Janeiro. 1996. Vol.X

_____. **Totem e Tabu e outros trabalhos** (1913-1914). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Imago Editora, Rio de Janeiro. 1996. Vol.XIII

_____. **A Interpretação dos Sonhos (I)** (1900). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Imago Editora, Rio de Janeiro. 1996. Vol.IV

_____. **A Interpretação dos Sonhos (II) e Sobre os Sonhos** (1900-1901). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Imago Editora, Rio de Janeiro. 1996. Vol.V

_____. (1926a[1925]). **A questão da análise leiga** – conversações com uma pessoa imparcial in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Jônata Alves da Silva | Gleci Mar Machado de lima

_____. (1926b[1925]). **Inibição, sintoma e angústia** in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (Trabalho original publicado em 1897). **Carta 71**. in S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 356-359). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. (1953) **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. Em Escrito. (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

MELMAN, C.A **neurose Obsessiva**. Editora: Companhia de Freud, Rio de Janeiro, 2004.